

Analice Dutra Pillar
Maria Helena Wagner Rossi
Fabiane Villela Marroni
Organizadoras



**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**

GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

**Analice Dutra Pillar | Maria Helena Wagner Rossi |
Fabiane Villela Marroni**

Organizadoras

**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**
GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

Copyright © GEARTE, 2022

Editora Textos [desde 2005]

Contato: editoratextos@gmail.com

www.editoratextos.com.br

Pelotas, RS

Os dados e a completude das referências e figuras dos capítulos são de inteira e única responsabilidade de cada autor(a).

Projeto gráfico e diagramação: Textos projetos editoriais

Capa: Umbelina Maria Duarte Barreto

Presidente do Conselho Editorial

Marcos Villela Pereira

Conselho Editorial

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) • Anamélia Bueno Buoro (CPS-PUCSP) • Eric Landowski (CNRS | França) • João Ciaco (CPS-PUCSP) • José Luiz Fiorin (USP) • Marcelo Machado Martins (UFPE) • Moema Rebouças (UFES) • Yvana Fechine (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogos entre educação e arte [livro eletrônico] : Gearte 25 anos /
organização Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi,
Fabiane Villela Marroni. -- Pelotas, RS :
Editora Textos, 2022.
PDF.

Vários autores.
ISBN 978-65-999045-0-9

1. Artes 2. Educação 3. Gearte – História 4. Professores –
Formação I. Pillar, Analice Dutra. II. Rossi, Maria Helena Wagner.
III. Marroni, Fabiane Villela.

22-132760

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e arte 370.1

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

**A CRIAÇÃO DA EDU 03142
EDUCAÇÃO E CINEMA NO CURSO DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
DA FACED-UFRGS:
TEXTO-DOCUMENTÁRIO ESCRITO
E EDITADO A QUATRO MÃOS¹**

Tatiana Perin Pacheco

Gabriel de Andrade Junqueira Filho

Nunca me passou pela mente que a Oficina de Cinema serviria para que as crianças se convertessem em diretores de filme, atores, montadores ou qualquer das atividades relacionadas com o ofício. [...] desejava que os pequenos contassem com um espaço onde confluísse a brincadeira, a emoção, a arte. [...] dentre as conquistas da oficina observamos o aumento da autoestima, o desenvolvimento da criatividade ou a aprendizagem de certos valores fundamentais para trabalhar em equipe, mas o primeiro, o fundamental, sempre, foi que seja um momento legal.

Alicia Vega

¹ Este texto-documentário foi redigido conjuntamente pelos autores, abordando a criação da disciplina e a pesquisa desenvolvida por uma das autoras durante seu mestrado.

Apresentações

Tachi Pach² – Me chamo Tatiana Perin Pacheco, tenho 50 anos, sou pedagoga, mestre em Educação, graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nessa instituição. Sou mãe há quase 30 anos e professora de Inglês há 35, tendo feito minha formação por caminhos não acadêmicos, pois não pude, à época, seguir na universidade, algo comum às mulheres que se tornam mães. Desde 2014, quando ingressei no curso de licenciatura em Pedagogia na UFRGS, dedico-me a compreender a formação docente e seus processos. O mais impressionante, de minha formação em Pedagogia, foi constatar que eu, que já era professora há tanto tempo, tenha tido um impacto tão grande, algo que redefiniu a professora que eu sou, era e serei (PACHECO, 2018).

Minha primeira aula no curso de Pedagogia se deu no dia 24 de fevereiro de 2014 e meu primeiro professor é hoje meu parceiro neste artigo. A disciplina à época era EDU 03127 Infâncias e Culturas infantis e nela assistíamos a muitos filmes e conversávamos sobre eles e, a partir deles, além de alguns textos de revistas acadêmicas e livros, sobre as infâncias e as culturas infantis. Foi assim que começou nossa relação, mediada pelo cinema, que nos apresentou e nos aproximou, a ponto de pesquisar no mestrado sobre os primeiros semestres da implantação da disciplina EDU 03142 Educação e Cinema no novo currículo do curso de licenciatura em Pedagogia.

Gabriel Junqueira – Me chamo Gabriel de Andrade Junqueira Filho, sou licenciado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (1987), tenho 61 anos e em dezembro

² Nome adotado profissionalmente pela autora Tatiana Perin Pacheco.

de 2022 completo vinte e seis anos como professor da Faculdade de Educação da UFRGS. Esse também é o tempo em que vivo em Porto Alegre, vindo de São Paulo, capital e interior. O encontro com Tatiana, pela via da relação pedagógica – relação professor-aluna-conhecimento –, se repetiu ao longo do curso, numa outra disciplina obrigatória do currículo anterior a este – EDU 03055 Ação pedagógica com crianças de 0 a 10 anos –, disciplina que foi desmembrada em outras duas na versão atual do currículo – EDU 03103 Educação Infantil: as práticas e seus sujeitos e EDU 02139 Anos iniciais: as práticas e seus sujeitos –, ocasião em que ela elaborou um projeto de trabalho em que já queria saber: O que é necessário saber para ensinar? Como preparar a professora pedagoga para os desafios da sala de aula? Essas perguntas têm insistido e se atualizado ao longo da formação de Tatiana, como também a nossa relação, pela admiração e respeito que temos um pelo outro.

Nestes vinte e seis anos, trabalhando em regime de dedicação exclusiva na FACED-UFRGS, participei de várias gestões da COMGRAD-EDU – Comissão de Graduação da Faculdade de Educação –, por coincidência ou por vontade, gestões em que tramitaram os debates, as consultas, os estudos para a elaboração de diferentes versões do currículo do curso de licenciatura em Pedagogia. A atual versão, elaborada na gestão de 2017 a 2019, em que a EDU 03142 Educação e Cinema foi criada, é a quarta versão, nestes vinte e seis anos de turbulências e aprendizados, entre outras coisas, sobre as dinâmicas de revisão, criação, adaptação e atualização do currículo do curso de licenciatura em Pedagogia. Apresento esses dados para argumentar que a familiaridade com a estrutura e as regras de funcionamento da COMGRAD-EDU foi da maior importância para a proposição da disciplina EDU 03142 Educação e Cinema e a

insistente, veemente, exaustiva – incompreensível, excêntrica e descabida para alguns – argumentação para justificá-la como prioridade na nova versão do currículo do curso. Em situações como esta, não bastam dados, fatos, trajetórias de formação, argumentos, é preciso ser veemente, insistente, atento, incansável, articulado, principalmente porque – e especialmente nesta reformulação curricular –, a maioria das disciplinas da versão anterior do currículo teriam as cargas horárias reduzidas, além da retirada de disciplinas e inclusão de novas, como mencionado anteriormente, o que sempre gera tensionamentos e contendas entre os representantes das áreas que compõem os três departamentos a partir dos quais se organiza a vida funcional das professoras e professores da FACED-UFRGS, a saber, o Departamento de Estudos Especializados (DEE), o Departamento de Ensino e Currículo (DEC) e o Departamento de Estudos Básicos (DEBAS). Sou professor da área de educação infantil, que integra o Departamento de Estudos Especializados.

Por que um professor da área de educação infantil estaria propondo a criação de uma disciplina como Educação e Cinema para o novo currículo do curso de licenciatura em Pedagogia? Esse dado faria parte da excentricidade da proposta? Ainda mais que a defesa vinha no sentido de que ela fosse uma disciplina obrigatória do tronco comum do currículo do curso, compondo com as disciplinas EDU 02058 Educação e Teatro, EDU 02061 Educação e Artes Visuais e EDU 0361 Educação Musical – disciplinas obrigatórias de três créditos e carga horária de 45 horas cada uma –, a dimensão das Artes no novo currículo do curso de licenciatura em Pedagogia?

Tachi Pach – Excentricidade do ponto de vista de quem, não? Mas, bem, acompanhando as primeiras turmas da disciplina EDU 03142 Educação e Cinema, já em pleno mestrado, sob a orientação da

professora Analice Dutra Pillar, na linha de pesquisa Arte, linguagem e currículo, não faltam hipóteses sobre a relação entre a educação e o cinema ao dialogar, por exemplo, com o texto *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* (EISNER, 2008), pois se as artes possibilitam à educação novos aprendizados sobre a sua própria prática, o cinema, considerado a sétima arte, e a pedagogia, uma dimensão da educação, inserem-se nesta lógica. Ou ainda, lembrando Fresquet:

Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o 'faz de conta' e a imaginação ocupam o lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento. (FRESQUET, 2017, p. 20).

O papel do cinema na produção sensível e intelectual do conhecimento era exatamente o que me interessava pesquisar no mestrado para responder de maneira atualizada às perguntas: o que é necessário saber para ensinar? Como preparar a professora pedagoga para os desafios da sala de aula? Se, na graduação, havia respondido essas perguntas com o repertório de formação constituído até então, o mestrado foi uma oportunidade para buscar outras perspectivas e a disciplina EDU 03142 Educação e Cinema se vislumbrou como uma possibilidade promissora de geração de dados e reflexão. Nesta altura, minha intenção era compreender melhor a relação entre a arte e a educação e o papel que a arte exerce na formação das professoras pedagogas. O cinema, a sétima arte, me encantava especialmente pela dimensão da alteridade (BERGALA, 2008), uma vez que nos suspende e nos retira de nós mesmos, apresentando a perspectiva do outro, nos fazendo ver o mundo, ainda que momentaneamente, por olhos que não os nossos, numa espécie de expansão perceptiva, sensibilizando e abrindo espaço para compreensões além de nossas próprias, fundadas

naquilo que não vivemos na nossa realidade, mas vivemos-sentimos quando experimentamos o cinema (PACHECO, 2021).

Gabriel Junqueira – Alicia Vega (2015), com seu jeito simples e tão certo, diz assim sobre a alteridade do cinema:

O cinema, como a literatura, nos proporciona por um momento a possibilidade de sairmos de nós mesmos, de ver o mundo através dos olhos das personagens, de experimentar as emoções que nos faltam na vida. Os grandes diretores nos pedem que entendamos as personagens – nunca que as julgemos –, inclusive, que nos identifiquemos com elas. (VEGA, 2015, s/n).

Tachi Pach – O cinema produz marcas que se tornam lembranças sensíveis de experiências que nós não vivemos, mas que imaginamos e *sofremos* de alguma forma. Essa relação me parecia cada vez mais intensa e intrigante na e para a formação de professores pedagogos. Aliás, sobre *sofrer* a experiência do cinema, não posso deixar de pensar que esta afirmação é de alguma forma análoga ao que explica Gadamer (2014) sobre o termo *theoria*,

[...] a *theoria*[,] não deve ser pensada como um comportamento da subjetividade, como uma autodeterminação do sujeito, mas a partir daquilo que o sujeito está olhando. A *theoria* é verdadeira participação, não é atividade: é um sofrer (*pathos*), isto é, um ser atraído e dominado pela visão (*Anblick*). (GADAMER, 2014, p. 182).

Essa me parece uma relação interessante e que inspira reflexão, para quem, como eu, procura compreender a formação da professora pedagoga. A Pedagogia é, fundamentalmente, ação, mas carece de e cresce com teoria. A teoria amplia as “lentes” da professora pedagoga. E não seria o mesmo o que venho sustentando sobre a articulação entre o Cinema e a Educação? Sinto que minha experiência como não aluna e não professora – na condição de pesquisadora – na disciplina EDU 03142 Educação e Cinema foi um *sofrer*, pois fui tocada por esta

experiência, mesmo não fazendo parte da equipe daquele “filme”, daquela “produção”...

Gabriel Junqueira – Suspiro profundo... Risos ...

De minha parte, tenho a dizer que um dos indicadores do meu interesse e da minha participação recorrente em diferentes gestões da COMGRAD-EDU e do meu interesse e militância ao propor a disciplina Educação e Cinema tem a ver com a minha formação. Sou pedagogo e um estudioso do currículo da educação infantil, com mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação: Supervisão e Currículo (1993), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e doutorado na mesma instituição, no Programa de Pós-Graduação: Psicologia da Educação (2000), em que analisei mais de vinte alternativas curriculares para a educação infantil brasileira – documentos governamentais e de autores que falam em nome próprio, das décadas de 70, 80 e 90 do século passado –, para criar e propor as linguagens geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2000, 2005), princípio de organização curricular para a educação infantil, inspirado em aspectos da obra de Paulo Freire, Charles Sanders Peirce e da minha trajetória de formação profissional e pessoal. Outro indicador igualmente importante tem a ver com o debate contemporâneo sobre o currículo da educação infantil brasileira, influenciado significativamente pela abordagem do município italiano de Reggio Emilia, reconhecida e aclamada como uma das melhores do mundo e que traz, dentre seus temas centrais, o ensino e a aprendizagem por meio das relações, as cem linguagens da criança e a integração da documentação pedagógica ao processo de observar, refletir e comunicar (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999, 2016; RINALDI, 2012). No Brasil, a influência dessa abordagem italiana para a educação infantil é percebida mais timidamente – e um tanto quanto equivocada –, já na publicação

do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998) e fortemente sustentada pela Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil – BNCC (BRASIL, 2017). A crítica da abordagem italiana se popularizou e virou bordão pelo poema de Loris Malaguzzi (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999) – “Ao contrário, as cem existem” –, entoado, depois de anos de estranhamento e resistência, como mantra e sinal de consentimento e adesão, entre os profissionais da educação infantil, da creche à universidade, chamando atenção para as cem linguagens de que são feitas as crianças, roubadas em noventa e nove delas ao ingressarem na escola, que privilegia a linguagem verbal, oral e escrita: “Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem”, numa alusão à multiplicidade e diversidade de linguagens não verbais a partir das quais os seres humanos de qualquer idade se produzem, no entanto, subestimadas e desvalorizadas pela escola, em qualquer etapa de escolaridade, inclusive na universidade, inclusive nos currículos dos cursos de Pedagogia de todo o Brasil.

Uma disciplina e uma pesquisa

Tachi Pach – Pois minha pesquisa no mestrado se deu justamente por essa relação entre arte e educação, representada pelo cinema e pela pedagogia, que guardam entre si muitas similaridades. Ambos articulam várias linguagens em suas estruturas e regras de funcionamento. O cinema articula literatura (roteiro), teatro, música, arte visual (storyboard, cenografia, figurinos), orçamento, produção, direção (geral, de elenco, de fotografia, de arte). A pedagogia articula o ensino da língua mãe, matemática, história, geografia, ciências naturais, artes e também lida com os entrecruzamentos da sala de aula: questões de raça, gênero, classe, comportamento. A pedagogia delibera a partir

de parâmetros da educação, fundados em diversas áreas de conhecimento, como filosofia, psicologia, sociologia etc. Sua atuação é complexa e dinâmica. Quem faz cinema ou quem faz pedagogia precisa articular diversas técnicas e saberes para deliberar e compor seu trabalho. Também ambos carecem de trabalhos coletivos, da atuação de várias pessoas e profissionais no seu curso. Um filme é feito com a contribuição de muitas pessoas e profissionais, trabalhando por um mesmo fim. A professora pedagoga também, pois contribui com uma parte da formação de seus alunos, tendo-os recebido já com as contribuições de outras professoras pedagogas e os mesmos seguem seus caminhos de formação ao encontro das contribuições de outras professoras e professores pedagogos. Aliás, em toda essa trajetória, desde a educação infantil, não só com professoras pedagogas, mas também com toda a equipe da escola – gestores, coordenação pedagógica e educacional, profissionais da biblioteca, nutrição, cozinha, saúde, limpeza, acervo, manutenção, segurança. Além do que, o trabalho da professora pedagoga está articulado ao projeto político-pedagógico da escola, cuja implementação e acompanhamento se dão no diálogo com a coordenação pedagógica e educacional, nas relações de parceria e avaliação junto aos colegas das áreas especializadas como música e educação física, por exemplo. Havia pontos de convergência suficientes para pesquisa. O papel do cinema na produção sensível e intelectual do conhecimento, pela professora pedagoga em formação, portanto, era exatamente o que me interessava pesquisar para responder às perguntas: o que é necessário saber para ensinar? Como preparar a professora pedagoga para os desafios da sala de aula? Além disso, esta ideia se acerca de uma tradição filosófica que estabelece uma estreita relação entre a estética e a ética, entre o sensível e as decisões práticas, algo que eu já vinha estudando há algum tempo. Não se trata

de mágica articular a transgressão do cinema com o encanto da educação, mas de pensar a formação como algo além da dimensão técnica, ainda que esta seja muito importante; no set cinematográfico todo mundo sabe disso muito bem. Na educação, não é diferente: é preciso conhecer metodologias, didáticas, fundamentos, concepções. Mas quais elementos podem ser agregados na formação de uma professora pedagoga de modo a ensinar a parte sensível e tão peculiar que é a própria atuação em sala de aula?

Gabriel Junqueira – Nos embates com a maioria dos meus colegas de COMGRAD-EDU, ao defender a proposição da disciplina Educação e Cinema na composição do novo currículo do curso de Pedagogia, a sensação era de *déjà-vu*. Os esforços para lidar com esta nova onda de resistência eram alimentados – e esperanças –, grande parte, pela familiaridade que fui construindo durante – e duramente –, os muitos anos de embates e resistência ao defender um currículo – e consequentemente, o trabalho dos professores – organizado a partir de múltiplas e diferentes linguagens na educação infantil – originalmente, não me referia à abordagem de Reggio Emilia e sim às linguagens geradoras, uma vez que fui me inteirar da abordagem italiana após a conclusão do doutorado, em 2000. A vaga do concurso que prestei para ingressar na FAGED-UFRGS, na área de Educação Infantil, realizado em setembro de 1996, era para atuar no campo da linguagem, cuja concepção e demandas tinham a ver, restritivamente, com oralidade, leitura e escrita, com vistas a bancar outra queda de braço nacional àquela época entre alfabetizar ou não na educação infantil. No entanto, passei parte do mestrado e do doutorado estudando a semiótica de Charles Sanders Peirce, cursando disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, com os professores Lucia Santaella e Arlindo Machado, por exemplo, também na PUC-SP.

A apropriação que fiz do que estudei sobre Peirce me possibilitou romper com a dicotomização entre forma e conteúdo, sujeito e objeto, dominante nos currículos para a educação infantil que havia analisado no doutorado. O RCNEI (1998) é um exemplo nesse sentido, quando opõe linguagens (movimento, música, artes visuais e linguagem oral e escrita) a objetos de conhecimento (natureza e sociedade e matemática): “Valendo-se de diferentes linguagens (oral, desenho, canto etc.), nomeiam e representam o mundo, comunicando ao outro seus sentimentos, desejos e conhecimentos sobre o meio que observam e vivem” (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 171). Aprendi com Peirce (1995) e Santaella (1985) que linguagem é toda e qualquer realização, produção, funcionamento do homem e da natureza, ou seja, que tudo é linguagem, seja forma, seja conteúdo. Analisando esta concepção de linguagem em relação ao universo curricular da educação infantil, passo a entender que linguagens como movimento, música, artes visuais e linguagem oral e escrita são também objetos de conhecimento, com estrutura e regras próprias de funcionamento, tanto quanto matemática e natureza e sociedade, que também passam a ser entendidas por mim como linguagens, além de objetos de conhecimento, como as concebe restritivamente o RCNEI (1998). No que diz respeito à proposição da disciplina Educação e Cinema para a composição do novo currículo do curso de licenciatura em Pedagogia, portanto, o argumento não era fomentar a disputa entre as disciplinas da área de expressão, representação e comunicação e as disciplinas da área de fundamentos da educação, por exemplo – não vou nem me referir às disciplinas teórico-práticas, como os estágios –, uma vez que, conforme a versão final da súmula da disciplina – “Cinema, educação e cultura contemporânea. Linguagem audiovisual, documentação pedagógica e docência” –, o que se propunha como objetivo era ver cinema, refletir

sobre cinema, fazer cinema e produzir documentação pedagógica a partir da linguagem audiovisual. Não havia binarismo nessa proposição.

Tachi Pach – É, as escolhas curriculares não são escolhas naturais, nem tampouco fáceis, mas fruto de disputas e, a partir da composição de um currículo, pode-se perceber muito sobre as intenções e compreensões em um curso de formação. Apple (1982) sustenta que as escolas controlam os significados das coisas e da realidade, e com a universidade não é diferente. A escolha por uma disciplina de Educação e Cinema é uma quebra de paradigma, uma aposta em uma maneira diferente de formar novas professoras pedagogas e, como consequência, intervindo e possibilitando novas formas de ver e de *ser* para elas. Isso porque, tradicionalmente, os pilares que sustentam a formação em pedagogia são a psicologia, a sociologia, a filosofia e as ciências especializadas (história, geografia etc.) (PACHECO, 2021), ou ainda, podemos dizer que são essas as linguagens tradicionalmente articuladas pela pedagogia. A partir desse entendimento, podemos pensar que a arte neste currículo de licenciatura em Pedagogia da FACED/UFRGS também é um pilar ou uma linguagem, que é parte essencial da formação das professoras pedagogas.

É importante que se pense sobre esse referido paradigma curricular. O que é, não é? Creio que a posição de Esteban (2013) possa nos ajudar a refletir:

O movimento de construção e desenvolvimento de práticas pedagógicas é demarcado pelo paradigma da modernidade, definido pela ciência positivista e pelo pensamento liberal, de modo que os limites da ação escolar correspondem aos limites do paradigma que a sustenta e da sociedade da qual é parte. (ESTEBAN, 2013, p. 43).

Esta argumentação, ainda que feita pensando na escola, serve para a organização curricular da Universidade, chamando nossa atenção para o fato de que os currículos e a ação escolar funcionam como estruturas básicas a sustentar a sociedade na qual estão inseridos e qualquer mudança vai acarretar disputas...

Gabriel Junqueira – Então, no curso desta disputa, tinha ainda como argumentos em defesa da proposição da disciplina Educação e Cinema a Lei no 13.006, de 26 de junho de 2014³, a partir da qual a exibição de filmes de produção nacional passa a se constituir como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. Era preciso cumprir a lei. E a formação de professores, desde a licenciatura em Pedagogia, era uma grande oportunidade, pois além da exibição da filmografia nacional, poderíamos trabalhar para a familiaridade dos alunos com a linguagem da fotografia e audiovisual (planos, enquadramentos, movimentos de câmera, storyboard, relação imagem-palavra, montagem, narrativa audiovisual); para a constituição de repertório cinematográfico (filmes de diferentes metragens, história do cinema, séries televisivas e de plataformas de *streaming*); para a realização de curadoria ou programação (seleção de filmes para abordar diferentes temáticas, critérios de seleção de filmes de acordo com as faixas etárias e etapas de escolaridade, como a exploração de curtas-metragens e de trechos de filmes junto às crianças da educação infantil, por exemplo); para a formação de cineclubes escolares, para instrumentalizar a produção de documentação pedagógica, para a realização de audiovisual, para organizar debates sobre os filmes assistidos, entre tantas outras possibilidades.

³ Lei 13.006, que acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 dez. 1996.

Parte de tudo o que foi citado neste último parágrafo aprendi primeiro como admirador, depois colaborador e mais recentemente como coordenador acadêmico do Programa de Alfabetização Audiovisual (PAA), uma parceria entre a UFRGS, a Prefeitura de Porto Alegre e com financiamento ora do Ministério da Educação, ora do Ministério da Cultura. Parte das atividades do PAA é realizada via projetos de extensão universitária, associados, a cada gestão, a diferentes professoras e professores da Faculdade de Educação da UFRGS – Maria Carmen Silveira Barbosa, Jacqueline Moll, Liliane Ferrari Giordani, que atuaram ou atuam como coordenadores acadêmicos do PAA, como eu, neste momento –, com orçamento administrado pela FAURGS. Desde sua origem, em 2008, o PAA tem como identidade uma estrutura que se dá por um tripé teórico – a exibição, a reflexão e a produção –, proposto e adotado também pela disciplina EDU 03142 Educação e Cinema.

Tachi Pach – Gostaria de comentar brevemente isto que tu falaste, sobre este tripé teórico. A produção foi, para mim, a grande novidade da disciplina. Não é incomum encontrarmos profissionais de diversas áreas que usam os filmes para análise e estudo sobre determinados temas, compondo suas práticas através da exibição e da reflexão sobre o que foi exibido. O que é novidade e muito interessante é a questão da produção. Produzir um vídeo de curta-metragem. É um passo diferente, ativo, ao meu ver. É um apropriar-se. Não que a exibição e a reflexão não sejam importantes e instigantes, mas a produção, as professoras pedagogas em formação utilizando a linguagem do cinema para produzirem narrativas audiovisuais, isso me pareceu muito inovador. Durante a pesquisa, pude observar as abordagens dos professores, instruindo, oportunizando e criando experiências para que as alunas se lançassem na linguagem do cinema.

Ora, eu sou professora de língua estrangeira, estou familiarizada com esse caminho e sei da importância da produção própria, do experimentar-se na nova língua, falando, conversando, pensando, lendo e escrevendo. E via, literalmente, que as professoras pedagogas em formação estavam conhecendo, se apropriando, experimentando, produzindo e se produzindo professoras pedagogas pela linguagem do cinema. Ao produzirem a partir da linguagem do cinema, elas se apropriavam dela, a incluíam em seus repertórios, passavam a se autoconstituir professoras pedagogas pelas contribuições da linguagem audiovisual.

Gabriel Junqueira – Na prática, esse tripé que estrutura o PAA se efetiva a partir de eventos como o Festival Escolar de Cinema que, a cada edição anual, ao longo de cerca de 40 sessões, leva às salas Redenção, no campus Central da UFRGS, e à sala da Cinemateca Capitólio, cerca de 8.000 alunos e professores, da educação infantil ao ensino médio e EJA; a Mostra Olhares da Escola, em que as crianças e adolescentes assistem nas salas de cinema aos filmes produzidos nas escolas com seus professores, conversando com o público e contando sobre os processos de realização dos mesmos; ciclos temáticos como o Mais Cinema: Cinema e Direitos Humanos e Cinema e Cidades, Cinema e Infância e Cinema e Ciência, Cinema e Artes e Cinema e Meio Ambiente, em que os alunos da segunda etapa do ensino fundamental e do ensino médio vão às salas de cinema em duas ocasiões para assistirem a um conjunto de filmes para se aprofundarem sobre uma temática específica e depois debatê-los com seus professores e colegas na escola, tendo seus professores participado de sessões preparatórias com especialistas na área de cinema e dos temas dos ciclos, que apresentam o filme, seu contexto histórico, a produção dos realizadores e suas peculiaridades de linguagem audiovisual; o

Laboratório Vagalume de Estudos em Audiovisual e Educação, espaço de reflexão sobre as articulações entre formação docente e fazer cotidiano de sala de aula, a partir, por exemplo, de palestras com estudiosos e pesquisadores convidados, seguidas de debates; mais recentemente, a Sessão Vagalume (*Filmes para crianças de todas as idades*), priorizando o público infantil, sempre no primeiro fim de semana de cada mês, na Cinemateca Capitólio, com direito à visita guiada pelos espaços da cinemateca (pequeno museu, acervo, biblioteca, sala de projeção) com pitadas da história do prédio da Cinemateca Capitólio e da história do cinema mundial e de Porto Alegre antes da sessão; Sessão Kino Clube – Sessão de cineclube escolar, direcionada a crianças e adolescentes de escolas, via agendamento, sempre na segunda quinta-feira do mês, com sessões gratuitas pela manhã e pela tarde, também na Cinemateca Capitólio; as oficinas de fotografia e realização audiovisual, seminários, publicações. Trata-se, portanto, de um programa de formação continuada de professores e alunos para a democratização do ensino do audiovisual na escola, ou, em outras palavras, para a familiaridade, a ressignificação e a implementação do audiovisual, prioritariamente, na rede pública de ensino de Porto Alegre. Ainda que, durante e em seguida à fase crítica da pandemia, as duas edições do Cinema Negro na Escola – projeto em que se visibilizou o protagonismo da cinematografia de realizadores negros, prioritariamente brasileiros, para a discussão sobre questões raciais, a história e a cultura afro-brasileira e sua representatividade na sociedade – tenham ultrapassado a casa das novecentas inscrições, com a participação de professores de todas as redes de ensino e alunos de diferentes cursos universitários de todo o País. Em Porto Alegre, participam efetivamente, desde o início dos cursos de formação, aproximadamente 150 professoras e professores, e outros cerca de 200

de forma mais fluante, além dos que se aposentam ou estão em processo de aposentadoria e os que ingressam nas redes municipal e estadual de Educação, desafiando a equipe de profissionais a refletir e a programar as formações tendo como perspectiva a longevidade e a pluralidade.

O PAA é, no entanto, apenas a versão atualizada, rearticulada e expandida de um trabalho de formação de professores e alunos para o audiovisual que tem uma longa, militante, rara e bonita história junto à rede pública de ensino de Porto Alegre. Profissionais como Bia Barcellos, Maria Angélica dos Santos e Marcus Mello, funcionários da Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia da Secretaria Municipal da Cultura e que compõem também, desde sua criação, a equipe de profissionais do PAA, são pioneiros, visionários e testemunhas desta importante história. Tenho aprendido muito com eles sobre cinema e educação e fiquei muito surpreso, feliz e agradecido quando da aproximação entre as Secretarias Municipais da Cultura e da Educação e a UFRGS. Por um lado, essa aproximação se deu pela criação do programa Mais Educação, do governo federal, que propôs a ampliação da jornada escolar por meio de atividades optativas, entre elas, cultura, artes, comunicação e uso de mídias, possibilitando ainda financiamento do governo federal, via universidade. E, por outro, pela via da disciplina Cinema e Infância, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Estudos sobre Infâncias, criada pelas professoras e professores da área de Educação Infantil do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação, da qual Maria Carmen Silveira Barbosa e eu éramos professores. Essa disciplina tinha como objetivo formar professores com cinema, a partir de três eixos fundamentais: discutir diferentes concepções de criança e de infância; propor o cinema como outro tipo de texto para a

formação dos professores; analisar as situações vividas pelas crianças nos filmes, seus modos de narrarem suas vidas, seus modos de aprender dentro e fora da escola, de estabelecer relações com outras crianças e com os adultos, para pensar a pesquisa e a intervenção pedagógica nos espaços educacionais⁴. Dessa articulação nasce o PAA e ele era muito mais do que um argumento para a proposição da disciplina Educação e Cinema; era um amparo, uma inspiração, cuja presença renovava a coragem para os embates com os colegas da COMGRAD-EDU, pois não falava apenas em nome próprio, mas em coro com todos esses profissionais e com todos os professores e alunos beneficiados por esse programa de formação para o audiovisual. Além disso, invocava para este coro experiências mundiais exitosas de articulação entre cinema e escola: na França (2000), Alan Bergala e Le Plan de CinqAns (O Plano de Cinco Anos), cujo objetivo era a difusão das artes e da cultura nas escolas públicas da França, uma iniciativa do Ministério da Cultura francês; em Barcelona, alguns anos mais tarde, Núria Aidelman Feldman, com outros colegas, integra a equipe de *A Bao A Qu* (sociedade sem fins lucrativos, mas de iniciativa particular) que criou o projeto *Cinema en curs*, hoje expandido por toda a Catalunha, Galícia, Madri, Portugal, Argentina, Chile, atingindo, só na Catalunha, entre 2 mil e 3 mil estudantes, entre 9 e 18 anos, do ensino fundamental e médio, de 20 a 25 centros educacionais de distintos contextos geográficos e socioculturais; no Porto, por ocasião do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura, por iniciativa de um grupo de cineastas e amantes do cinema, é criada a associação cultural *Os Filhos de Lumière*, dirigida a crianças e adolescentes – em particular, aos das classes populares; no Uruguai (2009), o *CINEDUCA* – programa de

⁴ Para saber mais sobre a disciplina Cinema e Infâncias, vide JUNQUEIRA FILHO e BARBOSA, 2014.

alfabetização audiovisual promovido por iniciativa do Conselho de Formação em Educação, desenvolvido em todos os centros de formação docente do país, destinado a professores e estudantes, tendo como providência a inclusão de conteúdos sobre cinema e sua linguagem no currículo de todos os níveis de ensino primário. No Brasil, Cineduc – Cinema e Educação –, ONG carioca que trabalha a articulação entre cinema e educação desde 1970, na realização de oficinas, eventos e consultorias especializadas. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública por lei municipal do Rio de Janeiro, em 17 de janeiro de 1984; Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, integrada por professores, alunos e pesquisadores de diferentes universidades públicas e particulares brasileiras e de países da América Latina, bem como professores de diferentes etapas de escolaridade e profissionais ligados a secretarias municipais de educação e cultura e organizações não governamentais que realizam trabalho com cinema em escolas; Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP), oportunidade singular de encontrar, conhecer e dialogar com pesquisadores, alunos, professores, realizadores do Brasil e do exterior, participar do fórum anual da Rede Kino, contribuindo com sugestões para as ações da rede, socializando produções dos grupos dos quais fazem parte, definindo conjuntamente metas, posicionamentos, redigindo documentos; Cinead/Lecav (Projeto de Pesquisa e Extensão Cinema para Aprender e Desaprender/Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual), do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Laboratório Kumã e Projeto Inventar com a Diferença (curso de licenciatura em Cinema e Audiovisual e Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual

da Universidade Federal Fluminense); Mostras e Festivais de Cinema para Crianças e Jovens, no Brasil e no exterior.

Todos esses coros não foram suficientes. Ao voltar das férias, a proposição da disciplina tinha sido voto vencido e saído da pauta das discussões sobre a reformulação do currículo. Havia um argumento novo, que conheci consultando a Ata da reunião em que essa decisão havia sido votada: não existiam na FACED-UFRGS professores com formação em cinema para assumir a disciplina e naquele momento não havia possibilidade, tempo hábil para realizar plenárias e rodar toda a roda administrativa para conseguir uma vaga e realizar concurso público para a contratação de uma professora ou professor que assumisse essa disciplina com tal especificidade. Estados de ânimo à parte, redigi uma carta de protesto contra-argumentando sobre tal afirmação e encaminhei a todo o grupo que participava daquela gestão da COMGRAD-EDU, à chefia do DEE e à direção da FACED-UFRGS. Nesta carta, me referia à decisão indicada na Ata, relatava brevemente os embates relativos à proposição desta disciplina e contra-argumentava dizendo que era sabido que algumas professoras e professores daquela unidade trabalhavam com cinema, a partir de diferentes abordagens, que poderiam ser consultados sobre o interesse de assumir a disciplina, a começar por mim. O efeito desta iniciativa foi animador, pois, a partir da carta, a proposição da disciplina voltou à pauta das reuniões da COMGRAD-EDU. A tarefa seguinte era encontrar professores que se interessassem em assumir a disciplina. Faria, inicialmente, uma busca na FACED e se ninguém se dispusesse, consultaria a FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) e o IA (Instituto de Artes). Com a ajuda de colegas, fiz um levantamento de professores da FACED que trabalhavam de alguma maneira com cinema e identificamos oito. Escrevi para todos, sete

responderam, um disse que não se interessava, outro, que tinha interesse, mas não conseguia agenda para o dia sugerido para a reunião em que teríamos uma primeira conversa sobre a disciplina; revimos o dia e horário da reunião, este professor não compareceu. Para a segunda reunião, enviamos mensagem de e-mail para os cinco professores que participaram da primeira reunião e para o professor que tinha manifestado interesse, mas não compareceu à primeira reunião – e acabou não comparecendo à segunda reunião também. Levei para a COMGRAD-EDU a posição de que havia cinco professores da FACED-UFRGS interessados em assumir a disciplina. A proposta consistia em uma disciplina interdepartamental, lotada no Departamento de Estudos Especializados, na área de Educação Infantil, uma vez que eu era o proponente da disciplina e da área de Educação Infantil. Um tanto mais de embates e a disciplina foi aprovada e tem sido oferecida desde o segundo semestre de 2018, quando começa a ser implementada a nova versão do currículo do curso de licenciatura em Pedagogia da FACED-UFRGS.

Cristiano Bedin da Costa (com formação em Psicologia, do DEBAS), Evandro Alves (com formação em Pedagogia, Educação de Jovens e Adultos, do DEE), Maximo Daniel Lamela Ado (com formação em Ciências Sociais, do DEBAS), Rosana Aparecida Fernandes (com formação em Pedagogia e Filosofia, do DEBAS) e eu (com formação em Pedagogia, Educação Infantil, do DEE) formamos a equipe original de cinco professores que ficou responsável pelas duas turmas de trinta alunos cada, a cada semestre, desta disciplina obrigatória, de 3 créditos e carga horária de 45 horas, oferecida já no segundo semestre do curso, propositalmente, para que, desde o início do curso, os modos de ver do cinema pudessem contribuir para a constituição da docência de nossas alunas, alunos e alunas.

Administrativamente falando, nos primeiros semestres, dividíamos os seis créditos relativos às duas turmas entre nós cinco: cada um de nós ganhava um crédito e quem estivesse precisando mais de créditos ganhava o segundo crédito, negociação refeita a cada semestre. Trabalhávamos todos juntos, aglutinando as duas turmas numa única sala. Com o passar do tempo, os professores Cristiano Bedin da Costa e Maximo Daniel Lamela Ado tiraram licença temporariamente da disciplina para se dedicarem ao PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED-UFRGS. Após sucessivas avaliações e com a boa acolhida da disciplina pela comunidade acadêmica, criamos uma terceira turma de trinta vagas, tanto para atender a demanda de vagas da COMGRAD-IA (Comissão de Graduação do Instituto de Artes), geralmente dos alunos dos cursos de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais e dos cursos de graduação e licenciatura em Teatro (Departamento de Arte Dramática-DAD), que a cursam como disciplina eletiva, mas também para qualificar as orientações das atividades a serem realizadas pelos alunos, providência que possibilitou que os professores Evandro Alves, Rosana Aparecida Fernandes e eu recebamos três créditos cada um a cada semestre, pois somos responsáveis cada um por uma turma de trinta alunos, compostas, hibridamente, por alunos dos cursos de licenciatura em Pedagogia, licenciatura e bacharelado em Artes Visuais, graduação e licenciatura em Teatro – pelo menos até agora. Seria bem bacana que chegassem alunos de outros cursos também...

Tachi Pach – Gostaria de comentar um pouco sobre a pesquisa que desenvolvi a partir do segundo semestre de 2019, quando acompanhei a terceira turma da disciplina EDU 03142 Educação e Cinema, efetivamente, como pesquisadora, participando de todos os encontros, fazendo observações que me serviriam como *corpus* de

pesquisa juntamente com as entrevistas individuais semiestruturadas realizadas com a professora e os professores desta disciplina. Antes disso, no entanto, uma lembrança importante: a EDU 03142 Educação e Cinema é a primeira disciplina obrigatória de cinema em um currículo de graduação em Pedagogia no Brasil, sendo pioneira no estabelecimento da relação profunda e profícua entre a pedagogia e o cinema, além de vir a fortalecer a compreensão que a arte é um elemento importante e essencial na formação de professoras pedagogas.

A própria existência da disciplina já é uma novidade, mas seu pioneirismo não para por aí, pois ela contava, à época que estive presente como pesquisadora, com estes cinco professores, atuando em docência compartilhada, o que produzia curiosidade e estranheza às alunas, alunos e alunes. Cinco professores com formação distinta e de departamentos distintos unidos pelo cinema compartilhavam e articulavam seus conhecimentos e suas paixões com alunas, alunos e alunes do curso de licenciatura em Pedagogia e, também, a partir daquele semestre (2019/2), com alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais e graduação e licenciatura em Teatro. Essa diversidade de alunos se fazia notar, pois parecia, em minha observação, que eram grupos muito distintos. As alunas da Pedagogia mais quietas, seus corpos mais contidos e falando menos, enquanto os alunos das Artes – naquele semestre advindos das Artes Visuais e do Teatro – se moviam e falavam confortavelmente já nos primeiros encontros. Este foi um dado significativo a ser analisado. Pensava aquela época (e continuo me perguntando): será que quem escolhe fazer Pedagogia já chega para o curso trazendo em seu imaginário um tipo de comportamento, de atitudes e até mesmo de postura corporal, uma hipótese de como deve se portar, participar das aulas, um aluno

ou uma aluna que pretende se autoconstituir professora e professor? Ou será que o comportamento, as atitudes e até mesmo a postura corporal, observados por mim, já eram resultantes das interações, das relações que aqueles alunos, alunas e alunes de Pedagogia estabeleceram com as professoras e professores com os quais tiveram aulas no primeiro semestre do curso? E será que essas mesmas hipóteses poderiam ser estendidas aos alunos das Artes Visuais e do Teatro, mesmo diante de tamanha diferença nos seus modos de ser e participar das atividades propostas pela disciplina? Sala de aula sempre foi o elogio e o exercício da diferença e, nesse caso, a docência compartilhada entre aqueles quatro professores e aquela professora, tão diferentes entre si, era mais um elemento transgressor a ser administrado na complexidade da produção da relação pedagógica, ou seja, nas relações entre aqueles sujeitos – professores e alunos – e deles com o conhecimento sobre educação e cinema, cada um deles – professores e alunos –, desafiados em seus esforços de produzirem e ou atualizarem suas reflexões e versões sobre as tantas possibilidades de ser aluno e professor. Com toda certeza, uma experiência muito diferente das vividas pelas alunas de Pedagogia até então. Afinal, quem já havia tido cinco professores ao mesmo tempo em uma disciplina no curso de Pedagogia? Todos responsáveis juntos, trabalhando em conjunto, trazendo suas diferentes contribuições, de acordo com suas formações originais?

Durante minha presença na disciplina, era comum que os quatro professores e a professora estivessem em aula ao mesmo tempo e isso causou estranhamento a muitas alunas, alunos e alunes. Enquanto circulava entre eles, ouvia suas conversas e comentários sobre a docência compartilhada, positivas e negativas: “Que desperdício tantos professores!!!”, “Fica um tanto quanto confuso, complicado... Não sei

em quem presto atenção, qual deles é a referência principal...”. É justificável e esperado que se sentissem assim, principalmente as alunas da Pedagogia que estavam em seu segundo semestre da graduação, ainda muito vinculadas aos modelos e modos de ser professora experimentados em suas vivências escolares desde a educação infantil.

Gabriel Junqueira – Isso me faz lembrar o professor Cezar Migliorin (*et al.*, 2014), logo na apresentação de “Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos”. Seria uma alegria se esse princípio fosse vivido e compreendido por todos:

O mundo que se filma está em constante mudança, aquele que o filma está sempre inventando um novo lugar para a câmera, um novo corte ou a sobreposição de dois sons que nunca estiveram juntos, ensinando-nos que as práticas são sempre transformadoras e criativas. É nas práticas do cinema com o seu entorno e com a alteridade que adultos e crianças trabalham e inventam juntos. É no processo que descobrimos a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir o que nunca antes havíamos parado para escutar.

Com as propostas que aqui apresentamos, imaginamos ser possível um trabalho colaborativo, sem competição, atento ao outro, aberto às diferenças e aos modos de vida que constituem nossas comunidades. Nos concentramos em processos do cinema com a educação em que o direito à diferença seja estimulado constituindo o que nos mantém juntos: a possibilidade de criarmos coletivamente com as singularidades de cada um. Todos esses processos geram vídeos, filmes, experiências, narrativas e pensamentos em forma de imagens e sons. Formas de construir o que somos e de descobrir e inventar com o outro. (MIGLIORIN *et al.*, 2014, p. 11-12).

Tachi Pach – Para irmos finalizando, penso que é importante comentar um pouco mais sobre outras coisas que vi, ouvi e registrei durante as aulas que frequentei como pesquisadora...

A disciplina EDU 03142 Educação e Cinema não tem por objetivo apenas assistir a filmes e comentar sobre eles, ainda que também o façam. Além disso, apresenta os elementos do cinema, cria oportunidades para que as alunas e alunos experienciem a linguagem

cinematográfica de forma a aprenderem – ainda que primariamente – a se comunicarem, a se expressarem através desta linguagem.

As professoras pedagogas em formação, sejam elas mais jovens ou de mais idade como eu, estão inseridas cotidianamente em uma cultura audiovisual. As mídias sociais estão povoadas de imagens que consumimos indiscriminada e acriticamente. Saber ler e compreender um pouco que seja esta linguagem é educar para a sala de aula, pois os alunos e alunas que elas vão ensinar também estarão inseridos nesse contexto. A linguagem do cinema as ajuda, por exemplo, a compreender como essas imagens são criadas, a pensar quais foram as intenções que quem as compôs tinha ao escolher uma forma de filmar ou mesmo de fotografar. Além de poderem compreender melhor as imagens, as professoras pedagogas podem se expressar através delas. Durante as aulas dessa disciplina, elas produzem, individualmente e ou em grupos, fotos, *short stories*, *storyboards*, vídeos e pequenos filmes, realizações fundamentais para se apropriarem da linguagem audiovisual e do cinema. No percurso de produção, são desafiadas, entre outras coisas, a transpor uma linguagem para outra, discutindo, por exemplo, como “traduzir” a história que estava no papel para a linguagem audiovisual. Técnicas são apresentadas e análises são feitas a partir de filmes de realizadores de todas as partes do mundo e de diferentes épocas da história do cinema. Estudam os planos a partir desses filmes, conhecendo sobre planos, movimentos de câmera, cenas e edição, por exemplo, analisando as intenções dos diretores e das diretoras ao filmarem de uma certa maneira.

Os trabalhos produzidos eram todos apresentados a todos e discutidos, o que parecia que tornava a dita de Bergala (2008) – e também de Vega (2012) e Migliorin *et al.* (2014) – sobre a alteridade do cinema – algo próximo e muito verdadeiro. Naquele espaço, os colegas

podiam vivenciar por alguns momentos as percepções daqueles com quem compartilhavam a disciplina. Eles aprendiam não apenas a partir de suas percepções e experiências, mas agregavam também o produzido por todos os outros. Aprendiam em comunhão, como diria Freire (2013).

As primeiras aulas, mais silenciosas, foram dando lugar a outras com muito movimento, barulho e animação. Lembro, especialmente, de um dia em que os pré-cinemas foram abordados, a partir da exploração de luzes e sombras com lanternas, lençóis, brinquedos, confecção de fantoches em palitos, exploração de objetos e figuras recortadas em retroprojetor, confecção de taumatrópios e exploração de fenacístoscópio, entre outros recursos. Eu estava próxima a um grupo de estudantes de Pedagogia que brincava com as lanternas produzindo sombras e, nesse momento, “o encantador” circulava pela sala acompanhando as explorações dos diferentes grupos, chegou e integrou-se ao grupo e às brincadeiras. Considero que foi um daqueles momentos em que se presencia o nascimento do conhecimento, o compartilhar de um saber, tão simples e tão mágico aconteceu. Assim o descrevi no meu diário de bordo da pesquisa:

Ouvi o professor Gabriel comentar com um grupo que as crianças da educação infantil ficavam impressionadas e gostavam das brincadeiras com as sombras. Olhos brilhantes e com uma narrativa envolvente, o encantador estava a encantar e projetar nos encantados um cenário vindouro, plantando um desejo em cada uma das futuras professoras pedagogas. As estudantes sorrindo e conversando, comentavam sobre as possibilidades de trabalhar com seus futuros alunos, antevendo situações, sonhando com alunos engajados e encantados, como elas estavam. Elas não apenas se deslocavam de si, tentando imaginar seus futuros alunos, mas produziam uma nova marca em si próprias: a professora que desejavam ser. E esta professora pedagoga desejada, brincava e encantava seus alunos. (PACHECO, 2021, p. 63).

Havia o compartilhamento entre o professor e suas alunas de um conhecimento permeado de encanto, de prazer e deleite, as envolvia com sua experiência, dava sentido ao que elas estavam experienciando. A disciplina traz o *Eros*, o desejo e o deleite, por vezes tão esquecido nas práticas docentes, mas recobrado providencial e lindamente por Bel Hooks, quando diz que:

A compreensão de que Eros é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos, habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica. (HOOKS, 2017, p. 258).

Provocar e trazer desejo, deleite e encantamento às práticas docentes é transgredir a realidade, lutar por uma educação mais humana em um mundo que insiste em desumanizar seus habitantes. A arte e, por consequência, o cinema, é um suspiro de renovação na tão atacada educação, por isso são sempre muito bem-vindas:

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos -, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. (FRESQUET, 2017, p. 19-20).

E esse é o ponto, renovar, impregnar. Trazer o prazer, o deleite, o encantamento, o humor, o riso para a formação docente. Aliás, o riso foi um crescente durante as aulas da disciplina. Aquelas professoras pedagogas em formação, quietas lá do início, sorriam e riam e se encantavam e se emocionavam ao ver suas produções na “telona” da sala da Cinemateca Capitólio, no último dia do semestre da disciplina, apresentando seus trabalhos finais. Foi um momento de encantamento

e alegria para todos, inclusive para mim, que pude presenciar, já me sentindo um pouco parte dessa produção. Obrigada, professor Gabriel.

Gabriel Junqueira – Obrigado, Tatiana, pelo convite e pela parceria para a escrita deste artigo. Sofri de novo, mas foi importante recobrar a trajetória de criação da disciplina EDU 03142 Educação e Cinema, que continua sendo inventada, produzida, avaliada, recriada por nós professores e pelos alunos que a frequentam a cada semestre. É uma grande alegria e, igualmente, um grande desafio. Dessa vez, com todos os erros cometidos – “Nunca tentado. Nunca falhado. Não importa. Tentar de novo. Falhar de novo. Falhar melhor”, como enxergava Samuel Becket (2012) –, já temos a resposta para a prova dos nove, bem a dita de Oswald de Andrade (2007): “A alegria é a prova dos nove”. Obrigado.

Referências

ANDRADE, Oswald. *A alegria é a prova dos nove*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2007.

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BECKETT, Samuel. *Companhia e outros textos*: Companhia | Pra frente o pior | Sobressaltos | O caminho | Teto | Ouvido no escuro I e II. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução de Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD/LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p.5-17, jul./dez. 2008.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método I. Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer, rev. trad. Enio Paulo Giachini. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: uma proposta de seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. PUC/SP, 2000. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Cinema, infância e sala de aula: relato sobre uma disciplina e sua perspectiva de formação de professores na universidade. In: BARBOSA, Maria Carmen; SANTOS, Maria Angélica dos (org.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

MIGLIORIN, Cezar *et al.* *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PACHECO, Tatiana P. *O selo do sentido na formação docente: vivências, pontes sensíveis entre a teoria e a prática.*

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174383/001062006.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 2 set. 2022.

PACHECO, Tatiana. *Uma turma, cinco professores, uma pesquisadora e um encontro: educação e cinema.* Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/220424> Acesso em: 4 set. 2022.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica.* 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.* São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica.* 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VEGA, Alicia. *Oficina de cinema para crianças.* Porto Alegre: Programa de Alfabetização Audiovisual, 2015.

TATIANA PERIN PACHECO

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/FACED/UFRGS). Mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Graduada em Pedagogia pela FACED/UFRGS. Graduanda em Filosofia pela UFRGS. Professora de Inglês. Estuda as relações entre educação e cinema na formação docente, pesquisando o papel que o cinema tem na formação das professoras pedagogas.

Contato: tachip@hotmail.com

GABRIEL DE ANDRADE JUNQUEIRA FILHO

Pedagogo, mestre e doutor pela PUC-SP. Professor titular da Faculdade de Educação da UFRGS, Departamento de Estudos Especializados, área de Educação Infantil. Coordenador acadêmico do Programa de Alfabetização Audiovisual. Autor de *Interdisciplinaridade na pré-escola: anotações de um educador on the road* e de *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil.*

Contato: gabrieljunqueirafilho@gmail.com